

## CASAMENTO E CONDIÇÃO SOCIAL NO PORTO OITOCENTISTA\*

Por Gaspar Martins Pereira  
Luís Grosso Correia

### Resumé

*Le mariage à la ville, moins exposé que dans l'espace rural à l'influence des parents et de la communauté, reflect plus profondement les conditions sociales des fiancés et met ainsi en évidence des comportements fort diferenciés.*

*Au XIX.<sup>e</sup> siècle, à Porto, comme dans autres grandes villes européennes de l'époque, il y a aussi une forte incidence du concubinage, particulièrement chez les couches populaires. Ce comportement devra nous aller au besoin d'une nouvelle perspective sur l'utilisation de certains indicateurs démographiques tels que l'âge au mariage ou les taux de nuptialité qui comportent des distortions évidentes quand on les construit sans faire attention à ce phénomène.*

### Introdução

Procurámos reunir neste trabalho alguns resultados de pesquisas que temos vindo a realizar nos últimos anos sobre os *comportamentos matrimoniais*<sup>1</sup> e *estruturas familiares*<sup>2</sup> da população portuense no século XIX.

---

\* Uma primeira versão deste trabalho foi apresentada, sob a forma de comunicação, ao Congresso «O Porto na Época Contemporânea», organizado pelo Ateneu Comercial do Porto de 9 a 14 de Outubro de 1989.

<sup>1</sup> Cf. CORREIA, Luís Grosso; SALGADO, Maria Emília — *Os comportamentos nupciais na freguesia de Cedofeita em 1878-1882*. Porto, 1989 (estudo não publicado).

<sup>2</sup> Cf. PEREIRA, Gaspar Martins — *Estruturas familiares na cidade do Porto em meados do século XIX*. Porto, 1986 (dissertação de mestrado). Já depois do presente

Partimos, assim, para uma abordagem do casamento no Porto oitocentista, tentando ultrapassar os limites impostos pelos registos paroquiais, fonte que é correntemente utilizada para o estudo do fenómeno. Recorremos, para isso, ao cruzamento dos *registos de casamento* com outra fonte paroquial — os *róis de confessados* — que nos oferece a composição, casa por casa, rua por rua, dos agregados domésticos.

Desta tentativa resultou uma melhor compreensão do casamento, não apenas como momento fulcral dos percursos individuais, mas também como elemento decisivo das estratégias familiares que conduzem à regulação e reprodução das estruturas sociais.

Entre as populações do passado, mais do que hoje, os comportamentos nupciais são sensíveis às transformações da sociedade, revelando quer atitudes de adaptação dos indivíduos e dos agregados familiares a novas condições de existência, quer atitudes de conformismo face à pressão dos hábitos tradicionais. Mais do que hoje, os sentimentos e emoções individuais na selecção do cônjuge aparecem submersos em estratégias familiares de aliança e/ou sobrevivência, fortemente condicionadas por pressões sociais, económicas ou culturais.

Diversos autores têm relacionado a emergência de novas relações de tipo capitalista com o individualismo crescente na esfera das relações familiares, especialmente em meio urbano, onde o indivíduo estaria mais liberto das pressões da família e da comunidade<sup>3</sup>. Tal libertação das oportunidades individuais tem a ver, pensamos, com a quebra da autoridade paterna, motivada pela desorganização da actividade económica doméstica tradicional, num momento em que os espaços produtivos se dissociam quase definitivamente dos espaços familiares. Assim, aumentam as possibilidades dos filhos ganharem a vida fora do lar paterno, constituindo eles próprios a base material do seu estabelecimento futuro. Ora, tal situação parece ter-se verificado, não apenas em meio urbano e no quadro das relações de produção capitalistas, mas, mesmo nas comunidades rurais tradicionais de Antigo Regime, sempre que os pais não controlaram os recursos que poderiam assegurar a vida futura dos seus filhos<sup>4</sup>. Daí

---

estudo desenvolvemos uma investigação mais aprofundada: PEREIRA, Gaspar Martins — *Famílias Portuenses na Viragem do Século (1880-1910)*. Porto: Edições Afrontamento, 1995.

<sup>3</sup> Cf. SHORTER, Edward — *Différence de classes et sentiment depuis de 1750. L'exemple de la France* in «*Annales*» E. S. C., Julho-Agosto, 1974; SHORTER, Edward — *Naissance de la famille moderne*. Paris, Ed. du Seuil, 1977, especialmente p. 311-325.

<sup>4</sup> Cf. ANDERSON, Michael — *Elementos para a história da família ocidental*. Lisboa: Ed. Querco, 1984, p. 78-79. Um estudo para o caso português: PEREIRA, Gaspar Martins; ALVES, Jorge Fernandes — *Comportamentos nupciais na Terra da Maia*, «*Cadernos de Ciências Sociais*», n.º 8, 1989.

parece ter decorrido para os jovens dos estratos sociais mais pobres uma maior liberdade de comportamentos face aos constrangimentos familiares. Pelo inverso, a posse de património, de uma profissão, ou de prestígio social a transmitir aos herdeiros condicionou sempre a intervenção familiar nas opções individuais, em especial nas camadas médias e elevadas da sociedade.

Nesta perspectiva, ganha particular interesse analisar a diversidade social dos comportamentos matrimoniais no Porto de fins de Oitocentos, quando o ritmo da industrialização, o crescimento urbano e a intensa mobilidade da população transformaram o «estreito e cavo burgo medieval» na «cidade comercial civilizadamente cosmopolita», no dizer de Ramalho de Ortigão<sup>5</sup>. Mas o Porto de finais do século passado, a par do dinamismo do seu comércio e da sua indústria, conheceu o agravar de profundas desigualdades económicas e sociais, que se traduziram, sem dúvida, numa diferenciação social crescente dos comportamentos. Cidade das novas avenidas (como a da Boavista) e dos chalés ricos, o Porto é também a cidade das ilhas, onde se concentram as «classes depravadas» e «laboriosas» (Quadro 1), no dizer das autoridades policiais da época.

QUADRO 1  
Ilhas do Porto em 1885 e 1899

Anos	Ilhas	Habitacões	Moradores
1885 a)	531	6020	19460
1899 b)	1048	11129	35975*

\* Exclui as freguesias de Foz do Douro, Campanhã e parte de Lordelo do Ouro e Paranhos.

**Fonte:**

a) GUEDES TEIXEIRA, Visconde de — *Circular dirigida aos bancos do Porto sobre a construção de casas para operários da mesma cidade pelo Governador Civil...* Porto, Imprensa Civilização, 1885, p. 3.

b) JORGE, Ricardo — *Demografia e Higiene da Cidade do Porto. I — Clima — População — Mortalidade.* Porto — Repartição de Saude e Higiene da Câmara Municipal do Porto, 1899, p. 152-153.

No Porto oitocentista, como nas grandes cidades europeias da época, destaca-se uma forte incidência das uniões livres, em especial entre as camadas populares que vivem nas ilhas. Tal facto deverá aler-

<sup>5</sup> ORTIGÃO, Ramalho — *Figuras e questões literárias*, 2.<sup>a</sup> ed., Lisboa: Livraria Clássica Editora, 1945, p. 231-232.

tar-nos para a necessidade de uma nova perspectiva na utilização de certos indicadores demográficos, como as idades ao casamento ou as taxas de nupcialidade, portadores de distorções flagrantes, quando construídos sem atenção àquele fenómeno.

### Casamento e Concubinato

A extensão do concubinato é, pois, uma das características mais salientes da nupcialidade no Porto de finais do século passado. Não possuímos indicadores directos que permitam medir com exactidão este fenómeno, mas as fontes paroquiais que consultámos para vários anos — registos de casamentos e róis de confessados —, numa das maiores freguesias do Porto (Cedofeita), apontam um número significativo de casos em que os noivos já coabitavam antes do casamento, muitos deles com um ou mais filhos. Cerca de um em cinco casamentos em meados do século e cerca de um em três no último quartel fazem-se para legalizar uma situação de concubinato anterior, por vezes à hora da morte de um dos membros do casal (Quadro 2).

**QUADRO 2**  
Casamentos com coabitação anterior realizados em Cedofeita,  
em 1857 e 1881-82

Coabitação anterior					
Anos	Casamentos	Presumida		Confirmada	
		N	%	N	%
1857 a)	89	—	—	17	19,1
1881-82 b)	342	52	15,2	80	23,4

**Fonte:**

a) Arquivo Distrital do Porto (ADP), *Registo Paroquial de Cedofeita — Livros de Registo de Casamentos*, n.º 4 e 5.

b) 4.ª Conservatória do Registo Civil do Porto (CRCP-4.ª), *Cedofeita — Livros de Registo de Casamentos*, n.º 18 e 19.

Arquivo Paroquial de Cedofeita (APC), *Róis de Confessados*, 1880 a 1883.

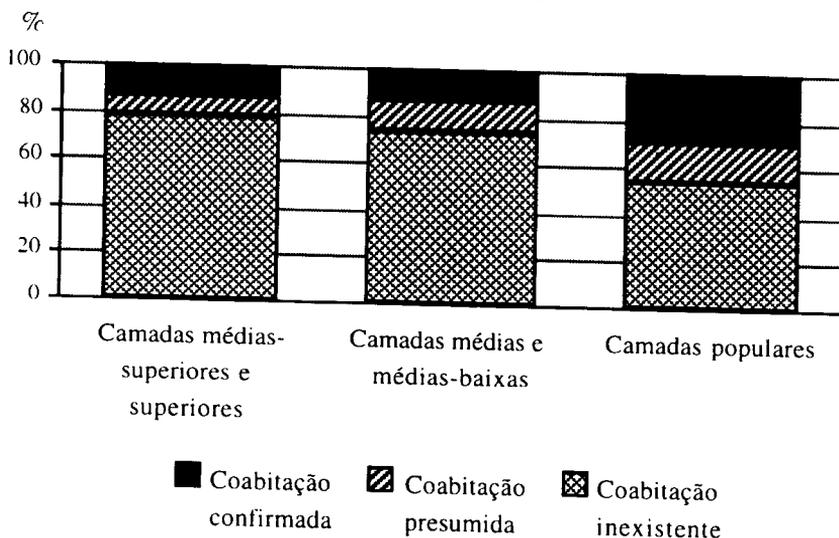
O estabelecimento destas uniões livres, muitas delas relativamente estáveis, tenderia, no entanto, a ser encoberto, pelo menos perante a autoridade religiosa, o que nos faz supor uma extensão bem maior de casais formados sem a benção da Igreja.

Que tal prática não parece corresponder, na maioria dos casos, a um quadro geral de descristianização, prova-o o facto de muitos casais procurarem legitimar mais tarde a sua situação e os seus filhos.

A distribuição por grupos sociais vem confirmar-nos a forte componente popular deste tipo de ligações (Figura 1).

FIGURA 1

**Categorias sociais dos homens casados em Cedofeita em 1881-82, segundo as situações de coabitação anterior**



**Fonte:**

CRCP-4.<sup>a</sup>, Cedofeita — *Livros de Registo de Casamentos*, n.º 18 e 19; APC, *Róis de Confessados*, 1880 a 1883.

Os percursos individuais que conhecemos para alguns milhares de habitantes do Porto permitem concluir que o homem isolado tem grande dificuldade de subsistência numa sociedade em que as funções domésticas são na sua quase totalidade confiadas às mulheres. São frequentes os casos em que à morte da mulher sucede a entrada na casa de uma criada, de uma parente, ou de uma nova companheira. São sobretudo os homens das camadas populares, sem recursos para pagar o serviço doméstico a criadas, que sofrem com a situação de isolamento. Daí que se compreenda a maior percentagem de isolados entre as camadas sociais mais abastadas (Quadro 3).

## QUADRO 3

Os isolados no total dos agregados domésticos em Cedofeita em 1848,  
segundo os grupos sociais (em %)

Grupos sociais	Tipos de fogos (%)						N.º de Fogos
	1	2	3	4	5	6	
I	13,6	5,8	50,3	23,2	3,2	3,9	155
II	9	3	69,2	13,7	3,3	1,8	454
III	4,8	2,2	79,7	7,9	0,9	4,5	419

Legenda: I — Camadas médias-superiores e superiores; II — Camadas médias e médias-baixas; III — Camadas populares.”

1 — Isolados; 2 — Agregados sem estrutura conjugal; 3 — Agregados conjugais simples; 4 — Agregados familiares alargados; 5 — Agregados familiares múltiplos; 6 — Estrutura indeterminada.

**Fonte:**

PEREIRA, Gaspar Martins — *Estruturas familiares na cidade do Porto em meados do século XIX*, p. 140-141.

Introduzindo na nossa análise uma nova variável — a naturalidade dos noivos —, verificamos que a maior parte dos casos de coabitação anterior ao casamento reúne noivos naturais de fora do Porto. A análise dos valores relativos demonstra bem uma menor propensão à união livre entre os homens e mulheres naturais da cidade (Quadro 4).

## QUADRO 4

Naturalidade dos noivos casados em Cedofeita em 1881-1882,  
segundo as situações de coabitação anterior

Naturalidade		Coabitação anterior						Total	
		Inexistente		Presumida		Confirmada			
		H	M	H	M	H	M	H	M
Cedofeita	N	30	35	5	6	6 a)	10 b)	41	51
	%	73,2	68,6	12,2	11,8	14,6	19,6	12	14,9
Outras freg. do conc. do Porto	N	34	61	2	11	7 a)	12 b)	43	84
	%	79,1	72,6	4,7	13,1	16,3	14,3	12,6	24,6
Outras freguesias	N	146	114	45	35	67 c)	58 d)	258	207
	%	56,6	55,1	17,4	16,9	26	28	75,4	60,5
Total		210	210	52	52	80	80	342	342

Legenda: a) 4 com filhos; c) 39 com filhos; H — Homens;  
b) 7 com filhos; d) 34 com filhos; M — Mulheres.

Tal facto poderia levar-nos a privilegiar a ideia de que, longe da sua terra natal, os jovens libertos das pressões familiares e da comunidade poderiam enveredar por relações extra-matrimoniais mais frequentes. Se esta maior liberdade face às pressões familiares e comunitárias teve influência — e disso não duvidamos —, essa influência apenas se exerce entre as camadas populares (Quadros 5 e 6). Entre os mais ricos, a existência de um património reforça o papel da família na imposição de estratégias de aliança que permitam manter ou reproduzir esse património aquando do estabelecimento dos novos casais.

Temos, pois, de relativizar os indicadores de nupcialidade mais correntemente utilizados, sobretudo quando se busca compreender os comportamentos numa época de mudança.

Que significado pode ter, numa situação como a do Porto da segunda metade do século XIX, falar-se em qualquer aumento ou descida da taxa de nupcialidade sem ter em conta a distorção introduzida pela extensão das uniões livres?

#### QUADRO 5

Naturalidade dos homens casados em Cedofeita em 1881-1882,  
segundo os grupos sociais

Grupos sociais		Naturalidade			Total
		Cedofeita	Outras freguesias concelho do Porto	Outras freguesias	
I	N	1	5	49	55
	%	1,8	9,1	89,1	100
II	N	7	13	33	53
	%	13,2	24,5	62,3	100
III	N	33	25	176	234
	%	14,1	10,7	75,2	100
Total		41	43	258	342

## QUADRO 6

**Naturalidade dos noivos das camadas populares casados em Cedofeita em 1881-82, por sexos e segundo as situações de coabitação anterior**

Naturalidade		Coabitação anterior						Total	
		Inexistente		Presumida		Confirmada			
		H	M	H	M	H	M	H	M
Cedofeita	N	22	20	14	6	5	6	31	32
	%	71	62,5	12,9	18,8	16,1	18,8	100	100
Outras freg. do concelho do Porto	N	12	24	—	4	6	6	18	34
	%	66,7	70,6	—	11,8	33,3	17,6	100	100
Outras freguesias	N	80	72	34	28	47	44	161	144
	%	49,7	50	21,1	19,4	29,1	30,5	100	100
Total		114	116	38	38	58	56	210	210

**Fonte:**

CRCP-4.<sup>a</sup>, *Cedofeita — Livros de Registo de Casamentos*, n.º 18 e 19; APC, *Róis de Confessados*, 1880 a 1883.

Da mesma forma, as taxas de fertilidade ilegítima deverão ser utilizadas com precaução, já que muitos dos filhos ilegítimos acabarão por ser legitimados. Ou, pelo menos, este modelo de casamento popular — «juntando os trapinhos» — poderá permitir explicar a enorme taxa de fertilidade ilegítima. E será correcto falar-se de nascimentos ilegítimos nestes casos de uniões informais, por vezes dotadas de grande estabilidade? Há, pois, que repensar também o próprio conceito de agregado doméstico nestes casos. É que, como escreveu Michel Frey num artigo acerca do concubinato em Paris de meados do século XIX, «a ilegitimidade e o concubinato não são contraditórios com o casamento entre as camadas populares»<sup>6</sup>.

Por outro lado, a permanência de um padrão de casamento tardio, em torno dos 28 anos para os homens e dos 26 anos para as mulheres<sup>7</sup> deverá também ser repensada à luz deste modelo de formação do casal,

<sup>6</sup> FREY, Michel — *Du mariage et du concubinage dans les classes populaires à Paris (1846-1847)*, in «Annales E. S. C.», n.º 33, Jul.-Ago., 1978, p. 815.

<sup>7</sup> Cf. NAZARETH, J. Manuel — *A nupcialidade da população portuguesa na segunda metade do século XIX*, in «Estudos de História de Portugal. Vol. II — Séculos XVI-XX» Lisboa: Ed. Estampa, 1983, p. 405.

especialmente entre os pobres, para quem as dificuldades materiais de estabelecimento não parecem ter inibido a uma vida conjugal relativamente precoce. Assim, se retirarmos os casos de casamento com coabitação anterior, verificamos uma descida substancial das idades médias ao casamento (Quadro 7).

QUADRO 7

**Idades médias ao primeiro casamento em Cedofeita em 1881-82, por sexos e segundo as situações de coabitação anterior**

Sexo	Total	Coabitação anterior		
		Inexistente	Presumida	Confirmada
Masculino	28 (n = 304)	26,5 (n = 187)	27,7 (n = 46)	32 (n = 71)
Feminino	26,5 (n = 310)	24,8 (n = 193)	27,6 (n = 46)	30,4 (n = 71)

Na nossa amostra, a idade média ao casamento baixa dos 28 para os 26,5 anos para os homens, e dos 26,5 para os 24,8 anos para as mulheres. A descida é ainda mais flagrante para os homens e mulheres das camadas populares, não só porque são os mais propensos a estas uniões livres, mas também porque tais uniões são, entre eles, mais duradouras (Quadro 8).

QUADRO 8

**Idades médias masculinas ao primeiro casamento em Cedofeita em 1881-82, por grupos sociais**

Grupos sociais	Total	Coabitação anterior		
		Inexistente	Presumida	Confirmada
I	29,5 (n = 49)	28,8 (n = 39)	31 (n = 4)	32,7 (n = 6)
II	28,1 (n = 45)	26,2 (n = 34)	26 (n = 4)	38,3 (n = 7)
III	27,6 (n = 210)	25,8 (n = 114)	27,5 (n = 38)	31,2 (n = 58)

### Idades ao Casamento e Condição Social

A análise das idades médias ao casamento segundo o grupo social dos noivos aponta-nos uma forte diferenciação social já assinalada noutros estudos<sup>8</sup> (Quadro 9). Assim, para os homens das elites urbanas, verifica-se uma elevada idade média ao casamento, em torno dos 29 anos. Não devem ser alheias a esta situação razões de salvaguarda do património familiar, correspondendo ao reforço da autoridade paterna. Mas é de ter em conta também a mobilidade social dos indivíduos ao longo do seu ciclo de vida, já que um estatuto social mais elevado corresponde normalmente a idades mais avançadas. As mulheres das camadas sociais mais elevadas casam, no entanto, bastante cedo. Não se lhes colocam grandes dificuldades na constituição de dote e o futuro está salvaguardado pela posição social e fortuna dos maridos. Entre as camadas da pequena burguesia urbana e dos trabalhadores (à excepção dos criados) as idades ao casamento são relativamente baixas, indiciando uma maior emancipação face ao poder paternal, aliada à maior facilidade de empregos que permitem (ou impõem) um estabelecimento independente, ainda que precário, dos mais jovens.

Há, no entanto, outros factores a ter em conta no estudo das idades ao primeiro casamento. A mobilidade geográfica parece ter jogado um papel importante no retardamento da idade de casar (Quadro 10), afectando todos os grupos sociais.

#### QUADRO 9

Idades médias dos noivos casados em Cedofeita em 1881-82,  
por grupos sociais

Grupos sociais	Idade média ao casamento	
	H	M
I	28,8	20,3
II	26,2	26,7
III	25,8	25,8

<sup>8</sup> Cf. por exemplo, PERRENOUD, Alfred — *Variables sociales en démographie urbaine. L'exemple de Genève au XVIII<sup>e</sup> siècle*. Lyon, 1977, p. 143-172; PEREIRA, Gaspar Martins — *ob. cit.*; PEREIRA, Gaspar Martins; ALVES, Jorge Fernandes — *ob. cit.*

## QUADRO 10

**Idades médias ao primeiro casamento dos noivos casados em Cedofeita em 1881-82, por sexos, segundo a naturalidade e as situações de coabitação anterior**

Naturalidade		Idade média masculina				Idade média feminina			
		Total	i	p	c	Total	i	p	c
Cedofeita	N	39	30	4	5	47	33	6	8
	%	24,2	22,7	22,5	34,4	23,5	21,5	23,3	32,1
Outras freguesias do concelho do Porto	N	35	27	2	6	76	58	9	9
	%	26,1	26	26	27	24	23,4	24,8	27,1
Outras freguesias	N	230	130	40	60	187	102	31	54
	%	28,9	27,5	28,3	32,3	28,3	26,8	29,3	30,8

Legenda: *i* — coabitação inexistente; *p* — coabitação presumida; *c* — coabitação confirmada.

Porém, se considerarmos, já não a naturalidade, mas a residência dos noivos, apercebemo-nos de que a mobilidade geográfica no casamento aumenta em função da importância social. Nas camadas sociais superiores, numa situação em que os filhos estão, em norma, economicamente dependentes dos pais e em que há um património a defender, o casamento, enquadrando-se numa lógica de alianças matrimoniais, é orientado por estratégias familiares que determinam, muitas vezes, a escolha do cônjuge e o calendário nupcial. Neste sentido, a área do mercado matrimonial ultrapassa a área restrita do namoro, alargando-se aos espaços de interesses económicos e de relações sociais dos pais.

Entre os mais pobres, o espaço do mercado matrimonial é bem mais restrito, frequentemente situado ao nível das relações de vizinhança, muitas vezes na mesma casa ou «ilha» (Quadro 11).

## QUADRO 11

Residência dos noivos em Cedofeita segundo o grupo social do noivo (em %)

Residência		Grupo social do noivo			Total
		I	II	III	
Mesma casa	%	12,7	24,5	49,6	39,8
	N	7	13	116	136
Mesma rua	%	18,2	32,1	54,3	42,1
	N	10	17	127	144
Mesma freguesia	%	29,1	52,8	81,2	68,4
	N	16	28	190	234
Freguesias diferentes	%	70,9	47,2	18,8	31,6
	N	39	25	44	108
Total	%	100	100	100	100
	N	55	53	234	342

De realçar ainda as elevadas diferenças de idade entre os noivos das camadas sociais superiores, sendo normalmente a mulher bem mais nova que o homem. Pelo inverso, entre as camadas médias e populares a diferença de idades entre os noivos é bem menor, registando-se um número significativo de casos em que a idade da mulher é próxima da do marido e até um número elevado de casos em que a mulher é mais velha (Quadro 12).

## QUADRO 12

Diferença de idades ao primeiro casamento dos noivos casados em Cedofeita em 1881-82, por sexos e segundo o grupo social do noivo

Diferença de idades (anos)			Grupo social do noivo			Total
			I	II	III	
Homem mais velho	≥ 5	N	23	12	57	92
		%	46,9	26,7	27,1	30,2
	< 5	N	10	14	57	81
		%	20,4	31,1	27,1	26,6
Mesma idade	=	N	4	3	9	16
		%	8,2	6,7	4,3	5,3
Mulher mais velha	< 5	N	6	11	42	59
		%	12,2	24,4	20	19,4
	≥ 5	N	6	5	45	56
		%	12,2	11,1	21,4	18,4
Total		N	49	45	210	304

Será possível inferir daí uma «tendência para o companheirismo»<sup>9</sup> na formação do casal entre as camadas médias e populares? Quanto a nós trata-se de mais um indicador da existência de opções matrimoniais socialmente diferenciadas relativamente à selecção do cônjuge.

### Conclusão

Esta breve reflexão permite-nos destacar a importância da análise da diferenciação social dos comportamentos, ponto de partida indispensável para a compreensão das populações do passado.

O papel assumido pela união livre na formação do casal, fosse ou não legalizada por posterior matrimónio, impõe-nos uma nova perspectiva sobre as práticas matrimoniais, a formação dos agregados domésticos e a vida conjugal, sobretudo em meio urbano e entre as camadas populares.

Em investigação posteriores tentaremos alargar esta reflexão sobre o casamento no Porto oitocentista, no sentido de integrar o fenómeno nos

<sup>9</sup> LASLETT, Peter — *Family life and illicit love in earlier generations*. Cambridge: Cambridge University Press, 1977, p. 14.

percursos individuais e familiares, de modo a compreender melhor as estratégias que orientam práticas socialmente diferenciadas. Tal abordagem, metodologicamente onerosa, já que obrigará ao recurso à organização de histórias de vida, poderá confirmar ou rejeitar muitas das ideias que aqui apresentamos.